

## O futuro existe?\*

Maria Helena Voorsluys Battaglia\*\*

**Abstract:** From Vater's Thesis, I bring the discussion about the future verbal tense to the centre of discussion. The aim is to prove that the future verbal tenses can also express time in German, and, therefore, they have to be included in the verbal system and, secondly, that the expression of modality can also be expressed by the future forms, and that it usually overlaps the notion of time.

**Keywords:** future tenses; time expressions; modality.

**Zusammenfassung:** Ausgehend von Heinz Vaters These, das Futur der deutschen Verben habe keine temporale Bedeutung, stelle ich die Frage der Futurtempora erneut zur Diskussion. Meine Absicht ist es, zunächst zu beweisen, dass auch im Deutschen die Futurtempora Zeit ausdrücken und daher als Tempora in das Verbalsystem aufgenommen werden können, aber dass der modale Charakter bei den Futurtempora auch eine wichtige Rolle spielt.

**Stichwörter:** Futurtempora; Zeitausdruck; Modalität.

**Palavras-chave:** Tempos verbais do futuro; expressão temporal; modalidade.

---

\* O presente artigo é uma versão da comunicação apresentada na IX Semana de Língua Alemã, na USP, São Paulo, em maio de 2001.

\*\* Maria Helena Voorsluys Battaglia é professora doutora da Área de Alemão da Universidade de São Paulo.

## 1. Introdução

Há alguns anos atrás, quando iniciei a Pós-graduação e estava definindo o tema para o meu trabalho, me deparei com um texto de Heinz Vater, professor visitante da USP, que afirmava que não havia futuro no alemão. Considerei a afirmação muito estranha, sabendo que os alemães são um povo que justamente vive para o amanhã e para o futuro. Vivem num país onde se trabalha e se junta dinheiro enquanto jovem para poder desfrutar de uma aposentadoria confortável na velhice. A sua afirmação talvez se aplicasse mais ao povo brasileiro, onde fica a impressão de que o futuro não existe, pois se vive para o momento, o dia-a-dia, enquanto o amanhã parece muito distante e inatingível. Visto dessa maneira, diria que os dois mundos estão trocados.

VATER (1975) não se referia, porém, a esse futuro, também denominado futuro cronológico, mas sim, ao futuro como tempo verbal, como forma do sistema verbal. Acabei fazendo uma adaptação do trocadilho porque, no alemão, distingue-se entre o futuro como tempo cronológico para o qual é empregado o termo *Zukunft* e o tempo verbal, denominado *Futur*. Da mesma maneira, o alemão emprega dois termos para designar o tempo: *die Zeit* – tempo cronológico, e *das Tempus* – tempo verbal. O português não possui termos diferentes para expressar o tempo cronológico e o tempo verbal, sendo que a palavra tempo é empregada em ambos os casos, assim como o termo futuro é empregado tanto para o tempo cronológico quanto para o tempo verbal, daí permitir o trocadilho que apresentei no início.

## 2. Apresentação da tese de Vater (1975, 1997)

VATER defende a tese de que, no alemão, são empregadas as formas verbais do presente, quando se refere a eventos do futuro. Os tempos verbais do futuro não são apropriados para expressar o tempo implicado num evento do futuro. Como consequência, deveríamos considerar que o sistema verbal alemão é constituído apenas das formas do presente e do passado, reconhecendo, portanto, quatro formas como tempos verbais efetivos do sistema verbal alemão.

Ao defender a tese de que o tempo verbal do futuro não existe no alemão, VATER (1975,1997) equipara o verbo auxiliar *werden*, usado para a formação do

*Futur I e II*, aos verbos modais: *werden* (*Präsens + Infinitiv* do verbo principal e *Präsens + Infinitiv Perfekt* do verbo principal, respectivamente), pois no seu entender, *werden* é empregado sintática e semanticamente igual aos verbos modais *sollen*, *müssen*, *wollen*, *können* etc. Este argumento precisa ser analisado com cuidado, pois se os verbos modais ocorrem em todos os tempos verbais (com exceção de '*mögen*'), o uso de *werden* sofre restrições. O outro argumento de VATER para explicar a ausência do futuro no alemão refere-se ao uso de *werden* com referência ao presente, por exemplo:

(1) Es wird (gerade) zehn Uhr sein. (Devem ser 10h00 agora.)

No exemplo (2) há o uso do *werden* com referência temporal no futuro:

(2) Peter wird (morgen) kommen. (Peter virá/vem amanhã),

Na frase (1), o caráter modal se sobressai, pois ao dizer que *devem ser dez horas*, certamente o falante não consultou o relógio e deu uma hora aproximada. Na frase (2), posso considerar um grau de incerteza, embora a vinda de Peter esteja programada para o dia seguinte e, também nesse caso, confirmaria o uso modal do verbo.

Em ambos os exemplos, o grau de probabilidade é constante e invariável no contexto, e isso ele interpreta como sendo o significado literal de *werden* nas frases acima (cf. VATER 1997: 59). Os exemplos (1) e (2) possuem valor epistêmico que indica uma suposição ou incerteza, ou de acordo com NEVES (1996: 172) ocorre “a modalidade epistêmica que envolve o julgamento humano do que é provável acontecer”.

O fato de *werden* ter um caráter modal nas frases acima não significa que o estou comparando a um verbo modal, mas a outro fenômeno, isto é, à modalidade. A modalidade refere-se a um outro aspecto inerente ao verbo *werden*, que é empregado para formar o tempo verbal do futuro e que gerou toda a problemática acerca do seu emprego.

Uma das possibilidades de me referir ao futuro é, além do emprego dos tempos verbais do futuro, o uso de advérbios como *amanhã*, *no mês que vem*, e.o. Mas por quê, então, VATER (1975) chega à conclusão de que não existem tempos verbais do futuro no alemão? Na época de sua publicação, sua tese não foi aceita de forma incontestável por muitos linguistas, pois sua interpretação foi conside-

rada muito radical. Porém, sua tese permitiu uma nova perspectiva para a discussão acerca do emprego das formas do futuro que perdura até hoje e, atualmente, com mais depoimentos a favor da reintegração do futuro ao sistema verbal. (cf. FABRICIUS-HANSEN (1987); LEISS (1992) e.o.). No entanto, a sua tese não pode ser renegada, mas é preciso abordar a questão de uma maneira um pouco diferente, não tão categórica. No próximo tópico, apresento um pouco dessa discussão em torno do uso das formas verbais para expressar o futuro. (cf. LEISS, 1992; THIEROFF, 1992)

VATER (1997) retoma a discussão acerca da existência do tempo verbal do futuro no alemão a partir das inúmeras críticas, principalmente aquelas feitas por LEISS (1992), para corroborar sua tese de 1975, apresentando algumas características e situações que *werden* tem em comum com os verbos modais:

“Werden verhält sich wie ein typisches Modalverb:

- Es verbindet sich mit einem Infinitiv ohne zu.
- Es bezeichnet einen Wahrscheinlichkeitsgrad in Bezug auf das im Hauptverb ausgedrückte Ereignis., (1997: 60)

Mas conclui reconhecendo uma situação na qual o uso de *werden* não é compatível com os verbos modais. Isto ocorre quando os verbos modais são conjugados no *Präteritum* com verbo no infinitivo. O verbo *werden* não ocorre no *Präteritum* com verbo no Infinitivo (\* *wurde machen*). Logo em seguida, ele completa que também os modais são, em parte, defectivos como, por exemplo, *möchten*, discussão esta que não cabe neste trabalho. (Vater, 1997: 60)

### 3. As definições de futuro de acordo com Reichenbach (1947) e Bull (1968):

A definição dos tempos verbais será apresentada de acordo com as teorias de REICHENBACH (1947) e BULL (1968). Embora se trate de teorias mais antigas, não é possível cogitar uma definição dos tempos verbais a partir de sua interpretação semântica sem consultar esses autores, seja para a definição pura do tempo verbal, quando quero apenas relacionar a forma do futuro às demais formas do sistema verbal quanto ao aspecto temporal, seja para manter a coerência com o meu trabalho sobre os tempos verbais do passado do alemão e do português.

A partir da classificação das formas, da descrição de seu emprego em textos escritos, procuro estabelecer regras que facultem ao usuário do alemão como língua estrangeira e/ou de português como língua estrangeira se expressar de maneira mais adequada acerca de temas que envolvem o futuro e que se localizam após o momento da fala.

A definição de futuro dada por REICHENBACH (1947: 287 ss.) é expressa pela fórmula MF < ME = MO. Isto significa que o evento se encontra no futuro (ME) e o falante (MF) analisa o evento a partir da perspectiva do futuro (MO) que é igual ao momento do evento.

(3) Wir werden bald das Resultat erfahren. (HELBIG/BUSCHA 1991: 155)

HELBIG/BUSCHA (1991) acrescentam outra acepção, além da classificação temporal, que se refere ao uso de *werden* com advérbio de tempo, que ressalta a função modal do verbo.

(4) Er wird jetzt im Büro sein.

BULL (1968: 90s.) classifica os tempos verbais ao longo do eixo de orientação do tempo. Trata-se, na verdade, do tempo imaginado como uma linha sem limites em suas extremidades, onde situo os eventos de acordo com suas ocorrências, como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento da fala, estabelecendo o momento da fala como o núcleo da comunicação a partir do qual analiso os eventos e os classifico.

O futuro do presente, assim como o *Futur I*, situa o evento após o momento da fala em direção ao futuro. Essa definição serve para visualizar o tempo verbal que estou analisando e situar o leitor. BULL (1968: 60) acrescenta ainda que os tempos verbais não são formas estáticas, porque podem ocorrer em várias posições no eixo de orientação, adquirindo, nesse caso, características do tempo verbal previsto no sistema para essa posição e, normalmente, vêm acompanhados de algum elemento temporal que acaba situando o evento. Essa interpretação nos leva à conclusão de que o tempo verbal do presente pode ocupar a posição do futuro e vice-versa, incorporando algumas de suas características.

(5) In einem Monat haben die Kinder Ferien. (HELBIG/BUSCHA 1991: 147)

As definições de REICHENBACH (1947) e BULL (1968) trazem as definições “puras” dos tempos verbais, pensando efetivamente na sua classificação em relação aos demais tempos do sistema verbal da língua em questão. Nenhum dos autores considera em sua definição de tempos verbais a existência de outras características inerentes ao verbo ou à forma verbal. No entanto, desde o início da pesquisa, deixo claro que há muito mais aspectos envolvidos na questão do emprego desses tempos verbais do que essas definições trazem.

À primeira vista, indico que o *Futur I e II* são empregados, como o próprio termo diz, para expressar fatos ou eventos que se localizam no futuro, ou melhor, para expressar *zukünftige Sachverhalte*. Mas será que é mesmo tão simples? Se fosse, não haveria a necessidade de uma discussão tão longa e, provavelmente, nem seria necessário fazer uma análise contrastiva entre os dois sistemas. Bastava apresentar o *Futur I* paralelamente ao *futuro do presente composto* e *Futur II* ao *futuro do pretérito composto*. Porém, ao equiparar os dois sistemas nos deparamos com o primeiro problema, pois como posso enquadrar as quatro formas do português (Futuro do Presente simples/composto e Futuro do Pretérito simples/composto) com apenas duas (*Futur I e Futur II*) do alemão?

Essa classificação nos leva a outro problema. Afinal, quais e quantas formas compõem o sistema verbal, ou quantas formas são necessárias para eu me reportar a eventos ocorridos no passado, no presente ou no futuro? A disparidade é tamanha no alemão, que podemos destacar, de um lado, o trabalho de MUGLER (1988), que estabelece apenas um tempo verbal, o *Präteritum*, e de outro lado, o trabalho de THIEROFF (1992), que apresenta dez tempos verbais, incluindo as formas do *Doppelperfekt*, *Doppelplusquamperfekt* e *Konditional* para compor o sistema verbal alemão. A maioria considera, no entanto, os tempos verbais “tradicionais”: *Präsens*, *Perfekt*, *Präteritum*, *Plusquamperfekt*, *Futur I* e *Futur II*, tentando manter uma simetria, que também não é tão simétrica assim.

A pesquisa prevê uma abordagem contrastiva dos sistemas verbais do alemão e do português e, por isso, tenho como primeira preocupação definir o tempo verbal de acordo com o seu uso para situar o evento ao longo de um eixo de orientação, ou linha imaginária de tempo, que corresponde à função primária do tempo verbal dentro do sistema, seguindo as teorias de REICHENBACH (1947) e BULL (1968). Mas nem sempre a referência temporal é a única característica inerente ao tempo verbal. Os tempos verbais podem expressar outras características e, em certos contextos, é possível uma neutralização da expressão temporal. É, por exemplo, no meu entender, a distinção entre o Pretérito Perfeito e Imperfeito do português. Ambas as formas são expressão do passado e se localizam na mes-

ma posição na linha do tempo, porque a distinção entre ambas, neste caso, é o aspecto, perfectivo e imperfectivo, ou seja, o evento conclusivo ou em andamento (cf. BATTAGLIA 1997).

Ao iniciar esta pesquisa, o propósito era descrever os tempos verbais do futuro, de acordo com a classificação gramatical dos sistemas verbais, destacando as formas verbais que expressam o futuro, como *Futur I e II*, para o alemão, e o *Futuro do Presente simples e composto* e *Futuro do Pretérito simples e composto*, para o português.

No entanto, uma primeira verificação de ocorrências em textos de jornais me fez reformular o objeto de estudo e incorporar pelo menos a forma do *presente* como uma das maneiras de expressar eventos no futuro, independentemente da ocorrência de advérbio de tempo ou outros elementos temporais que possam determinar o tempo referido. Dada a extensão do trabalho, decidi fazer uma abordagem sobre o *Futur I*, não incluindo, por ora, as outras formas do futuro.

A análise baseou-se, principalmente, na frase para descrever as diferentes maneiras que o falante/escritor tem para reportar fatos ainda não ocorridos ou para avaliar situações a partir de uma dada perspectiva. O fato de ter estabelecido a frase como a unidade para a descrição do futuro não me impede de ir além da frase, quando ocorrem elementos temporais no texto que podem contribuir para comprovar ou alterar o valor semântico temporal expresso pelo tempo verbal. Além disso, há verbos que trazem em si um componente que remete a ação para o futuro.

(6) Pretendo abordar somente a forma do Futuro do Presente.

Para comprovar seu estudo, VATER (1975) baseou-se em um *corpus* de textos orais (*Telefongespräche*), nos quais 75% de ações do futuro são dadas simplesmente com o emprego do tempo verbal no presente. E pondera que o registro é importante, pois supõe que a diferença entre o uso do *Präsens* ou do *Futur I* para expressar o futuro pode estar no uso de textos escritos ou textos orais. Mesmo no artigo de 1997, ele mantém essa característica como fundamental e pouco observada na descrição dos tempos verbais do futuro.

Não sei se a diferença estaria mesmo no registro, pois ao verificar o uso do futuro em textos de jornais, procurando o mesmo tema em jornais do Brasil e da Alemanha, constatei com surpresa que as formas do *Futuro do Presente simples e composto* são muito freqüentes no texto em português, enquanto, nos textos ale-

mães, o emprego da forma do *Präsens* aparece com mais frequência em situações semelhantes (essa observação vai ao encontro de outros trabalhos realizados entre o alemão e o russo e alemão e francês, por exemplo, onde os autores constataram que as formas do futuro dessas línguas são traduzidas pelo *Präsens* do alemão.) Mais à frente retomo essa observação.

#### 4. Descrição do *Futur I*

A descrição dos tempos verbais do futuro prevê, por ora, somente o *Futur I*. De acordo com sua função primária, essa forma designa um evento situado posteriormente ao momento da fala, como vimos na definição acima. No entanto, é quase impossível discorrer sobre as formas do futuro sem me ater à expressão de modalidade, que é muitas vezes concomitante à de tempo, e em algumas situações pode se sobrepor ao tempo verbal, o que dificulta a interpretação do *Futur I*. Para mostrar a dificuldade de distinguir entre uma categoria e outra, cito um dos exemplos de VATER:

(7) Nächsten Freitag habe ich Geburtstag.

(7a) \*Nächsten Freitag werde ich Geburtstag haben.

VATER interpreta o uso de *werden* na frase (7a) como inaceitável, porque o aniversário é um fato concreto, e o uso de *werden* está sempre relacionado a um grau de incerteza e, por isso, o correto é usar o *Präsens* (VATER 1997: 59).

Vater (1997) não exclui por completo o emprego de *werden* para indicar eventos no futuro; todavia, nesses casos, a modalidade está presente, e isso o aproxima novamente das funções e características semânticas dos verbos modais, principalmente *wollen* e *sollen*.

A interpretação semântica de *werden*, semelhante aos verbos modais *wollen* e *sollen*, nos remete à descrição feita pelos autores Hentschel e Weydt (1990:94), quando fazem uma breve explanação sobre a origem do futuro no alemão. No antigo e médio alto-alemão (*Althochdeutschen* e *Mittelhochdeutschen*), usava-se o verbo no presente ou em perífrases com os verbos modais *sollen* (*sol*) e *wollen* (*wil*). E a forma do futuro originou-se de uma combinação entre o verbo *werden* e o *Partizip Präsens*: *Ich werde gebende*: ao pé da letra, seria *Ich werde zu einer Gebenden*, e por deri-

vação ou uma mistura morfológica, transformou-se o particípio presente em um verbo no infinitivo.<sup>1</sup>

As formas analíticas do futuro mais antigas, assim como a forma do *werden* + *Infinitiv*, eram empregadas para expressar claramente eventos do futuro. Tanto *wollen* quanto *sollen* + *Infinitiv* estabeleciam a relação temporal de futuro e o significado modal era secundário. O significado primário, temporal, não era alterado nessas circunstâncias. Com o decorrer do tempo, a forma *werden* + *Infinitiv* se consagrou como nova forma do futuro, mas somente para verbos imperfectivos e durativos. A vantagem dessa variante nova é a ausência de modalização em comparação com as formas antigas. (LEISS 1992: 198)

Como podemos notar, o tema é e continua sendo controverso, e a tese de VATER (1975) foi um dos primeiros trabalhos de vulto, que levou muitos lingüistas a uma incursão própria para definir os tempos verbais a fim de comprovar, negar ou complementar a sua tese. Entre os trabalhos consultados, destaco um que faz uma comparação entre o uso de *werden* no alemão e o *zullen* do holandês, endossando sua tese. O autor compara os dois verbos atribuindo as mesmas características de *werden* para o *zullen* do holandês, confirmando a idéia da sobreposição do caráter modal do verbo ao temporal. (cf. JANSSEN 1987)

A maioria dos trabalhos tenta provar, porém, justamente o contrário, ou, pelo menos, discordar em parte da sua tese, como exponho a seguir. As razões que apontam são as mais diversas, entre as quais, a preocupação pura e simples em atribuir a característica temporal e a manutenção da simetria do sistema verbal, ou seja, os seis tempos verbais no Modo Indicativo. (cf. DUDEN 1995; FABRICIUS-HANSEN 1986; e.o.)

Entre os trabalhos que resenhei sobre o assunto, até o momento, considero o trabalho de LEISS (1992) um dos mais contundentes ao contra-argumentar a tese de VATER (1975) e que exponho a seguir.

<sup>1</sup> Werden + Infinitiv ist relativ jung. Im Althochdeutschen und in den frühen und mittleren Phasen des Mittelhochdeutschen wurde zur Bezeichnung zukünftiger Geschehnisse entweder – ... – das Präsens verwendet, oder es wurden Umschreibungen (Periphrasen) mit den Modalverben sol und wil gewählt. Die heutige Futurform mit werden + Inf. ist aus einer Kombination von werden + Partizip Präsens entstanden: Die Form ich werde gebende, wörtlich ich werde zu einer Gebenden, wurde durch Ableitung oder durch morphologische Vermischung zum Infinitiv umgestaltet. (cf. Leiss) Hentschel, Elke und Weydt, Harald (1990) *Handbuch der dt. Grammatik*.

De acordo com LEISS, em muitas frases com *werden* + *Infinitiv*, o significado modal se destaca. Outras expressões de futuro são temporais por haver uma sobreposição da relação temporal de futuro. Há, ainda, um número grande de frases que permitem as duas leituras, porém não no sentido de que a forma de futuro possa possuir o significado modal e temporal igualmente. O primeiro passo é não supor que o tempo verbal do futuro seja sempre modal, porque eventos no futuro traduzem por si só um grau de dúvida e incerteza. Ao mesmo tempo, as formas do presente com relação temporal no futuro não indicam modalização da expressão verbal, embora o grau de incerteza em relação à realização do evento persista. E um dos caminhos propostos pela autora para elucidar a questão sobre a modalidade refere-se à descrição do futuro a partir da categoria de aspecto e da *Aktionsart*.

Desde o Gótico e nas etapas mais antigas do alemão, havia várias formas analíticas de futuro que tinham um elemento em comum: eram formados com verbos imperfectivos, não com verbos perfectivos. Verbos perfectivos indicam por si só uma ação no futuro, por exemplo:

*Er kommt heute* significa *Er ist noch nicht da*, e o uso da forma verbal do futuro seria redundante. A estes verbos falta um presente, um tempo verbal com referência ao presente.

FUCHS (1988: 21, obs.: 21) também observa que o caráter modal do futuro não pode ser apreendido pela incerteza inerente ao futuro, senão, as formas do presente para expressar o futuro seriam modais.<sup>2</sup>

Em comparação com outras línguas, observa-se que o alemão usa regularmente o *Präsens* em vez do *Futur I* para referir-se a eventos no futuro.

(8) Meine Damen und Herren, in wenigen Minuten erreichen wir den Grenzbahnhof Passau.

Em inglês, a mesma mensagem é dada com *will arrive*. (cf. Leiss 1992: 193)

A discussão em torno do uso do futuro foi desencadeada por Saltveit, que mostrou em sua análise uma relação entre o tempo e o modo no emprego de

<sup>2</sup> “Der – auch universell in weitem Maße – modale Charakter des Futurs lässt sich aber nicht schon aus der inhärenten Unsicherheit des Zukünftigen ableiten, wie es verschiedentlich geschieht: sonst wären die Präsensaussagen über zukünftiges modal.“

*werden* + *Infinitiv*, e para ele, quanto mais evidente a função temporal (aqui – relação com o futuro), menor a função modal e vice-versa. Ele próprio estabelece uma regra para a ocorrência do futuro, porém, de acordo com LEISS (1992: 193s.), interpreta-a de maneira errada ao atribuir a mesma característica a todos os verbos indistintamente:

- Verbos durativos: a forma do futuro indica relação temporal com o presente;
- Verbos perfectivos e continuativos: a forma do futuro indica, por sua vez, relação temporal com o futuro.<sup>3</sup>

Aqui poderia-se levantar a lebre em torno da confusão que se faz entre *Aktionsart* e aspecto. *Aktionsart* é inerente ao verbo e aspecto é dado pela forma verbal, como verificamos no Pretérito Perfeito e Imperfeito do português. Para LEISS (1992: 196), falta aos verbos perfectivos a forma do presente, isto é, uma forma verbal com relação temporal no presente. Os verbos perfectivos no *Perfekt*, como em *Er ist gekommen*, são resultativos. A questão da interpretação de *sein* + *Partizip Perfekt* desencadeia outra discussão acerca do *Perfekt* com *sein*.

Toda essa discussão sobre a aspectualidade e a *Aktionsart* do verbo é importante porque está relacionada ao significado do verbo e pode mudar a expressão temporal dos tempos verbais, assim como a formação de outras construções específicas. Da mesma maneira que os verbos perfectivos levam a um resultado, os verbos imperfectivos levam à formação de um tempo verbal do futuro. (cf. Leiss 1992: 195)

Com verbos perfectivos, a forma do presente pode indicar o futuro, e nesses casos, o *werden* + *Infinitiv* é redundante. Com verbos que têm aspecto durativo, o presente morfológico é idêntico ao presente também em relação ao tempo expresso. Neste caso, o uso de *werden* não é redundante, ao contrário, é obrigatório, para expressar a relação de futuro não modalizado. Para LEISS, aqui está a falha na interpretação das formas do futuro que encontramos em vários trabalhos. Verbos perfectivos não podem ocorrer com o verbo *werden* por causa da

<sup>3</sup> “– durative Aktionsart des Verbs bewirkt Gegenwartsbezug der Futurfügung – perfektive und kontinuitive Aktionsart dagegen Zukunftsbezug.” (apud Leiss 1992: 193s.)

redundância. O efeito pode ser uma frase agramatical ou provocar uma interpretação diferente da situação. Por exemplo, o uso de *werden* + *Infinitiv* com verbos perfectivos leva a uma leitura modal da situação.

(9) Sie werden (morgen) ins Theater gehen.

Por isso, a autora propõe uma nova interpretação dos postulados de Saltveit:

“Verbos durativos podem ocorrer com *werden* + *Infinitiv* para indicar eventos situados no futuro;  
Verbos perfectivos modalizam *werden* + *Infinitiv*, e a noção modal contida na oração se sobrepõe à temporal”.<sup>4</sup> (Leiss 1992: 197)

Os autores MATZEL/ULVESTAD (1982: 297 f.) destacam a importância do emprego do futuro em situações onde o *Präsens* sozinho não é suficiente para determinar a relação temporal. Essa situação é mais comum em frases cujo verbo é não-perfectivo e em frases nas quais a relação temporal de futuro não pode ser apreendida pelo contexto. (apud Leiss 1992: 197)

## 5. Conclusão

LEISS (1992) conclui que a distribuição do verbo *werden* em função temporal e modal é determinado pelo aspecto do verbo. Uma proposta que talvez proporcione uma clareza na definição e distinção entre o emprego do presente e o *Futur I* para indicar eventos não ocorridos ainda e que, na análise contrastiva com o sistema verbal do português, permita uma descrição mais precisa das semelhanças e diferenças.

<sup>4</sup> “Die durative Aktionsart des Verbs ist mit dem zukünftigen Zeitbezug von *werden* + *Infinitiv* vereinbar. Die temporale Bedeutung ist dominant.  
Die perfektive Aktionsart des Verbs modalisiert *werden* + *Infinitiv*.”

## Referências bibliográficas

- JANSSEN, Th. “Die Hilfsverben nld. *zullen* und dt. *werden*: modal oder temporal?” In: ABRAHAM, Werner & JANSSEN, Theo (ed.). *Tempus – Modus – Aspekt. Die lexikalischen und grammatischen Formen in den germanischen Sprachen*. Tübingen, Max Niemeyer, Linguistische Arbeiten 1989, 65-84.
- BULL, William. *Time, Tense, and the Verb – A study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to spanish*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press 1968.
- DIEWALD, Gabriele. *Grammatikalisierung. Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*. Tübingen, Niemeyer 1997.
- DROSDOWSKI, G. (org.) *DUDEN Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. Mannheim, Bibliographisches Institut 1995, 5. Aufl.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Groos 1988.
- FABRICIUS-HANSEN, Cathrine. *Tempus fugit. Über die Interpretation temporaler Strukturen im Deutschen*. Düsseldorf, Schwann 1986.
- FUCHS, Anna. “Dimensionen der Deixis im System der deutschen Tempora”. In: EHRICH, V. u. VATER, H. *Temporalsemantik: Beiträge zur Linguistik der Zeitreferenz*. Tübingen, Niemeyer 1988, 1-25.
- HEIDOLPH et. al. *Grundzüge einer deutschen Grammatik*. Berlin (DDR), Akademie 1981.
- HELBIG, G./BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländer-Unterricht*. Leipzig, VEB Enzyklopädie 1991, 2. Aufl.
- LEISS, Elisabeth. *Die Verbalkategorien des Deutschen*. Berlin, New York, de Gruyter 1992.
- MUGLER, Alfred. *Tempus und Aspekt als Zeitbeziehungen*. München, Wilhelm Fink 1988.
- NEVES, Maria H.M. “A modalidade”. In: KOCH, Ingedore G.V. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas, Ed. da Unicamp 1996. vol.VI, 163-199.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York, Macmillan Company 1947, 287-299.

THIEROFF, R. *Das finite Verb im Deutschen: Tempus – Modus – Distanz*. Tübingen, Narr 1992.

VATER, Heinz. "Werden als Modalverb". In: CALBERT, J.M. e VATER, Heinz (ed.) *Aspekte der Modalität*. Tübingen 1975, 71-148.

\_\_\_\_\_. *Einführung in die Zeit-Linguistik*. Hürth-Efferen, Gabel 1994, 3., verb. Aufl.

\_\_\_\_\_. "Hat das Deutsche Futurtempora?" In: VATER, Heinz. (org.) *Zu Tempus und Modus im Deutschen*. Trier, Wissenschaftlicher Verlag 1997, 53-69.

Ficha técnica

*Mancha* 14, x 20,5 cm

*Formato* 18 x 24 cm

*Tipologia* Garamond 12/14,8 e Geometr 231 BT 22/26

*Papel* miolo: off set 75 g/m<sup>2</sup>

capa: supremo 250 g/m<sup>2</sup>

*Impressão da capa* 2 cores

*Impressão e acabamento* GRÁFICA FFLCH

*Número de páginas* 300

*Tiragem* 500 exemplares